

## LA CONDAMINE

(1701-1774)

**A**vinda de CHARLES MARIE DE LA CONDAMINE à América do Sul, em 1735, onde encontraria oportunidade para ligar seu nome à geografia do Brasil, é consequência das lutas acasas travadas entre Cassianos e Newtonianos, a propósito do achatamento do elipsóide terrestre, lutas que encheram todo o intervalo de tempo escoado entre o fim do século XVI e os princípios do século XVII.

A controvérsia foi resolvida favoravelmente à teoria newtoniana, em face dos resultados obtidos pelas expedições enviadas pela Academia de Ciências de Paris, à Lapónia (1736-1737) e ao Perú (1735-1744).

Nessa ocasião, CHARLES MARIE DE LA CONDAMINE contava 34 anos de mocidade tormentosa, tendo nascido em Paris, em 1701.

Em todos os seus empreendimentos sempre lhe foi peculiar o espírito aventureiro de que aliás soube se valer mais tarde, na América principalmente, quando resolveu encetar, em 1743, a descida do rio Amazonas, "desde o lugar em que começa a ser navegável até a sua embocadura". Para essa viagem até o Pará escolheu justamente o mais difícil e desconhecido dos três caminhos que na sua opinião davam passagem da Província de Quito para o Marañon, ou seja o caminho pelo Governo de Jaen de Bracamoros, onde se encontra o Pongo de Manseriche por êle descrito com pormenores.

Escolhido para integrar a comissão de cientistas enviados ao Perú, ao lado de GODIN e de BOUGUER, LA CONDAMINE na Expedição foi, como escreveu GEORGES PERRIER, o seu verdadeiro animador, seu tesoureiro, seu factotum e seu defensor.

O estudo do seu "Journal du Voyage fait par ordre du Roi à l'Equateur, servant d'Introduction Historique à la mesure des trois premiers degrés du méridien" (1751), revela não só o histórico e a viagem da Expedição, mas também a parte que cada qual desempenhou no trabalho comum.

Tódas as suas pesquisas tinham sempre em mira, como êle próprio escreveu, o progresso da navegação, da geografia e da história natural.

A contribuição de LA CONDAMINE à geografia do Brasil, pode ser colhida no seu "Extracto del Diario de Observaciones hechas en el viaje de la Provincia de Quito al Pará por el rio de las Amazonas y del Pará a Cayana, Surinam y Amsterdam" (Amsterdam — MDCCLV) e na "Relação abreviada de uma viagem feita no interior da América Meridional", publicada em francês (MDCC.LXXVIII).

Reportando-se à narração do padre ACUNA, companheiro de PEDRO TEIXEIRA, no seu regresso de Quito (1639), frisa LA CONDAMINE, no "Extracto del Diario", a feição meramente histórica do trabalho de ACUNA, não bastando "para fazer com ela um mapa pontual, como de N... SANFON, no ano de 1680".

Mostra consciência geográfica ao verificar que o padre CRISTOBAL ACUNA não conseguira "as precisas observações na metade inferior do rio, que efetivamente é a parte mais defeituosa de sua carta, principalmente perto da boca, que êle não viu".

Pouco antes de embarcar em 4 de Junho para descer o rio-mar, sua observação se deteve nas areias auríferas de Jaen ao Embarcadero, fixou-se no trabalho dos índios, e no "muito bom cacau", crescido espontaneamente nas margens do rio.

Fazendo medições de toda sorte no rio que descia, anotou larguras, obteve profundidades, avaliou cheias. Realizou observações barométricas, determinou latitudes e longitudes, tomou nota de variações magnéticas, fez uso do pêndulo para o estudo da intensidade da gravidade, e ainda dispôs de tempo para descrever as canoas e se referir aos "Vergantins" dos missionários portugueses. Empenhado em fazer um mapa do rio, investiga os rumos dos meandros, e com agulha e o relógio na mão, passa a marcar a duração de cada volta, o tamanho das embocaduras dos afluentes, o número e a extensão das ilhas... mede as velocidades e sonda as profundezas. Não esqueceu as cogitações botânicas. Examina as gomas, resinas, preocupa-se com a andiroba e descreve magistralmente a borracha analisando os seus variados empregos pelos indígenas da região.

Em Gurupá não lhe passa despercebido que "já se faz muito sensível o fluxo e o refluxo do mar, caminhando as canoas daí por diante com as marés".

Desembarcado em Belém, a 19 de Setembro de 1743, mais de quatro meses depois da saída de Cuenca, havia percorrido distância superior a mil léguas de extensão.

No prefácio da "Relação abreviada", preocupa-se com a questão da Carta correspondente ao levantamento do "curso de um rio que atravessa vastos países quase desconhecidos de nossos geógrafos".

Aludindo à geografia, à astronomia ou à física, deteve-se na "Relação", muito mais em instruir do que em agradar. E escreveu: "Não posso evitar a entrada em algumas discussões geográficas"... "Tal é a da comunicação do rio Amazonas com o Orenoco, antigamente estabelecida, negada em seguida, e então novamente verificada por testemunhos decisivos. Tais são as pesquisas da Aldeia de Ouro e do Marco plantado por TEIXEIRA, a do lago Parima, a da cidade de Manoa, a do rio de Vicente Pinzon, etc. Cada um desses artigos, me pode fornecer o assunto de uma dissertação".

A "Carta do Curso do Maranhão ou do grande rio das Amazonas, em sua parte navegável desde Jaen de Bracamoros até a sua embocadura e que compreende a Província de Quito, e a costa da Guiana desde o cabo Norte até o Essequibo", foi levantada e executada segundo as observações astronômicas de M. DE LA CONDAMINE.

A capacidade de LA CONDAMINE não possuía limites. Descreveu pela primeira vez cientificamente a árvore da quina e propagou, em seguida, o emprêgo da quinquina como febrífugo. Sem ser rigorosamente geógrafo, fez curiosíssimas observações antropogeográficas acerca dos gêneros de vida e horizontes de trabalho de várias populações marginais, como a dos Omáguas, entre os quais observou inúmeras aplicações da borracha. Na descrição da Província de Maynas, ao chegar a Borja, salientou os contrastes entre as regiões naturais percorridas, revelando certa pericia na interpretação da paisagem.

Pelos estudos realizados na sua descida pelo Amazonas, por suas observações sempre levadas a efeito sob cunho científico, quer as geofísicas, como as astronômicas, as cartográficas como as topográficas, as históricas como as etnográficas, CHARLES MARIE DE LA CONDAMINE bem merece a admiração e o respeito dos estudiosos do Brasil.

Mas é devido principalmente às investigações de caráter geográfico, realizadas no Brasil, que LA CONDAMINE tem hoje estampado nesta Revista, seu retrato, ao lado de ligeira notícia biográfica.

